



Significação: revista de cultura  
audiovisual  
E-ISSN: 2316-7114  
significacao@usp.br  
Universidade de São Paulo  
Brasil

Schiavoni, Jaqueline Esther  
Televisão: tecnologia e forma cultural – dos usos e efeitos planejados aos usos e efeitos  
imprevistos  
Significação: revista de cultura audiovisual, vol. 43, núm. 46, julio-diciembre, 2016, pp.  
230-237  
Universidade de São Paulo  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=609766520014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



# ***Televisão: tecnologia e forma cultural – dos usos e efeitos planejados aos usos e efeitos imprevistos***

## *Television: technology and cultural form – from planned uses and effects to unanticipated uses and effects*



|||||||

Jaqueline Esther Schiavoni<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Em estágio de pós-doutoramento junto ao Grupo de Estudos Audiovisuais (GEA-Unesp/Fapesp). Doutora em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP. Email: jeschiavoni@yahoo.com.br.



**Resumo:** a batalha pela livre comunicação motiva todo o desenvolvimento de *Televisão: tecnologia e forma cultural*, escrito por Raymond Williams. Originalmente publicada em inglês, em 1974, a obra ganha tradução para o português em 2016. O viés crítico do autor, que recusou para a mídia televisiva tanto o *determinismo tecnológico* como a ideia de uma *tecnologia determinada*, é agora recuperado, lançando base para as discussões atuais em torno dos usos e efeitos planejados e dos usos e efeitos imprevistos da tecnologia e suas formas culturais.

**Palavras-chave:** Raymond Williams; televisão; tecnologia; forma cultural.

**Abstract:** the battle for free communication motivates the entire development of *Television: technology and cultural form*, written by Raymond Williams. Originally published in English in 1974, the work gains a Portuguese translation in 2016. The author's critical bias, which rejected both the *technological determinism* and the idea of a *determined technology* for the television media, is now recovered, laying the foundation for the current discussions about planned uses and effects and the unanticipated uses and effects of technology and its cultural forms.

**Key words:** Raymond Williams; television; technology; cultural form.

Costuma-se dizer que *Televisão: tecnologia e forma cultural* é um clássico. O adjetivo é devido. Significa que, por sua qualidade e sobriedade, a proposta que perpassa a obra é reconhecida como um modelo para os estudos de televisão – embora, evidentemente, não esteja limitada a esse meio. De que proposta, exatamente, se trata? De uma visada crítica, que vincula a compreensão das formas culturais às potencialidades e limitações das técnicas que incidem sobre elas, e o surgimento e desenvolvimento das próprias técnicas a um conjunto de intenções e valores dominantes em uma dada época e lugar. Contudo, não se trata de uma sentença inabalável: os usos e efeitos originalmente planejados da tecnologia – e, consequentemente, das formas culturais por elas engendradas – podem coexistir ou mesmo dar lugar a usos e efeitos imprevistos.

Raymond Williams explica que o material que impulsionou a formulação desse pensamento foi reunido e analisado entre 1968 e 1972, a propósito das críticas mensais que escreveu durante esses quatro anos para o jornal semanal da BBC, *The Listener*<sup>2</sup>. Sobre tal atuação, ele comentou: “pude escolher meus próprios assuntos e, em vários momentos, tentei resumir minhas impressões sobre um uso ou forma particular de televisão – esportes, viagens, seriados, policiais, comerciais, reportagens políticas, debates [...]” (WILLIAMS, 2016, p. 21).

Depois disso, o autor faz referência a duas experiências vividas na América do Norte: a primeira, durante uma noite em Miami, em que se pôs a assistir a televisão local e passou a perceber o deslocamento da noção de sequência como *programação* para o de sequência como *fluxo*; a segunda, referente ao período de um ano em que esteve como professor visitante, em Ciências Políticas, na Universidade de Stanford.

Esse trajeto foi feito logo que o programa da BBC deixou de ir ao ar, em dezembro de 1972. Williams saiu da Grã-Bretanha rumo aos Estados Unidos e o livro foi escrito, em grande parte, justamente durante sua estada na Califórnia, em 1973. Das relações que estabeleceu com a televisão local – por vezes sentado o dia todo diante a pequena tela em seu *Escondido Village* – e com os colegas do Departamento de Comunicação da Stanford resultaram algumas comparações entre as práticas britânicas e as práticas norte-americanas de televisão e também diversas considerações sobre tecnologias emergentes como o vídeo cassete, a transmissão por satélite, receptores de tela grande, distribuição de conteúdos por cabo, etc. A obra foi publicada em 1974.

<sup>2</sup>Em *Raymond Williams on television – selected writings*, publicado em 1989, é possível encontrar um bom apanhado dessas notas.

Quando a primeira versão de *Televisão* foi lançada, Raymond Williams, ao assinar o prefácio, escreveu: “este livro é uma tentativa de explorar e descrever algumas das relações entre a televisão como tecnologia e a televisão como forma cultural” (WILLIAMS, 2016, p. 21). A segunda edição foi feita em 1989, quinze anos após a primeira. No prefácio, já não constava a assinatura de Raymond – dada sua morte em fevereiro de 1988 – mas a de seu filho, Ederyn, responsável pela revisão do material. Sobre o legado deixado pelo pai, ele escreveu:

é incrível ver o quanto do atual ambiente midiático meu pai antecipou com precisão. [...] Muitos desenvolvimentos técnicos que ele discutiu em 1973 já ocorreram, embora as questões políticas e culturais continuem pertinentes, e muitas decisões sobre a estrutura e o controle estejam ainda abertas ao debate (2016, p. 19).

No prefácio da edição de 2003, da Routledge Classics – obra da qual parte a tradução para o português –, o livro de Raymond Williams foi descrito por Roger Silverstone como “uma leitura crítica, perspicaz, iconoclasta e humana sobre os primeiros cinquenta anos da televisão” (2016, p.13), cuja longevidade se deve à rejeição de Williams a qualquer forma de determinismo tecnológico e sua crença no agenciamento humano:

Ele rejeita argumentos que insistem que as tecnologias têm vida própria, que elas emergem de um processo de pesquisa e desenvolvimento imaculado por expectativas sociais ou políticas e interesses econômicos. Com a mesma veemência, rejeita também os argumentos de que as tecnologias, por si mesmas, determinam uma resposta social, que elas têm determinados efeitos e consequências, que são resistentes às complicações e às incertezas da sociedade e da história (2016, p. 13-14).

Tais prefácios foram integralmente traduzidos e dispostos para consulta na versão brasileira. As qualidades que seus autores destacaram em outras décadas acerca da obra de Williams continuam a ecoar nos dias de hoje. No texto introdutório que Graeme Turner assina em 2016, ele também aponta como diferencial a abordagem que Williams faz da televisão como experiência cultural: “uma experiência engendrada pela articulação complexa entre práticas produtivas, determinantes tecnológicos e econômicos e a função social da televisão dentro do lar – assim como as estruturas formais dos gêneros televisivos individuais” (2016, p.8).

Como se pode observar, tais registros não apenas informam sobre o conteúdo e os objetivos específicos da escritura de Williams no que diz respeito à televisão, mas, no conjunto que passam a compor, dão relato sobre a importância e a influência

que sua proposta de abordagem crítica teve sobre o campo comunicacional.

O material que vem na sequência não desaponta o leitor. Os que já haviam realizado a leitura em língua estrangeira perceberão que o estilo do autor foi preservado, mas, falando-lhes agora em língua materna, os raciocínios e argumentações de Williams os alcançarão de uma maneira diferente. Quanto aos que se iniciam, estes encontrarão seis capítulos que os ajudarão a considerar:

*A tecnologia e a sociedade*

- 1) as intrincadas relações que se estabelecem entre sociedade e tecnologia articuladas a causas e efeitos, necessidades e invenções, bem como o conceito de “privatização móvel” proposto por Williams a fim de nomear o estilo de vida móvel e focado no lar que caracterizou a vida moderna industrial e urbana e deu à televisão um lugar de destaque;

*Instituições da tecnologia*

- 2) as instituições da tecnologia e os usos que fizeram dos meios de comunicação, avaliando como interesses privados e estatais conduziram o desenvolvimento inicial da radiodifusão em países da Europa Ocidental e Estados Unidos, e como após a data de 1950 a expansão do sistema de comunicação norte-americano foi fator determinante sobre o desenvolvimento da radiodifusão em todo o mundo não comunista;

## *As formas da televisão*

- 3) as interações entre a tecnologia da televisão e as formas provenientes de outros domínios culturais e sociais, num processo marcado por combinações, adaptações e inovações no modo como foram apropriadas, assim como a criação de formas possivelmente autênticas ou, ao menos, qualitativamente diferente das anteriores. Tão interessante quanto os comentários sobre as diversas velhas e novas formas culturais destacadas – notícias, debate e discussão, educação, drama, variedades, esporte, publicidade, passatempos, especiais etc. – são as relações de influência que umas exercem sobre as outras, cuja lógica é reforçada na disposição sequencial das apresentações e seu impacto no conjunto ou todo televisivo que conformam, preparando o leitor para o tópico seguinte, central na obra;

## Programação: distribuição e fluxo

- 4) o fenômeno do *fluxo* planejado como a característica que define a radio-difusão simultaneamente como uma tecnologia e uma forma cultural. O conceito é exposto observando-se a seleção e associação de variadas formas na programação televisiva americana, bem como o viés comercial incorporado pelos programas patrocinados – desde sua concepção, como parte do pacote a ser oferecido:

o que está sendo exibido não é, nos antigos termos, uma programação de unidades separadas com inserções específicas, mas um fluxo planejado, em que a verdadeira série não é a sequência publicada de programas, mas essas sequência transformada pela inclusão de outro tipo de sequência, de modo que essas sequências juntas compõem o fluxo real, a real 'radiodifusão' (WILLIAMS, 2016, p. 100).

*Efeitos da tecnologia e seus usos*

- 5) o perigo de se tomar alguns efeitos como causas – o que, muitas vezes, acontece com a televisão quando o assunto envolve questões como o sexo e a violência na sociedade. O ponto em discussão é que uma análise apurada não deve isolar a tecnologia: “se o meio de comunicação – a imprensa ou a televisão – é a causa, todas as outras causas, todas aquelas que os homens habitualmente entendem como história, estão imediatamente reduzidas a efeitos” (WILLIAMS, 2016, p. 136). Daí a pesada crítica dirigida ao trabalho de Marshall McLuhan:

se os meios de comunicação específicos são essencialmente ajustes psíquicos, vindos não das relações entre nós, então é óbvio que a intenção, em qualquer caso geral ou particular, será irrelevante. Desprezando-se a intenção, despreza-se também o conteúdo, aparente ou real. Todas as operações dos meios de comunicação são, assim, dessocializadas; tornam-se simples eventos físicos em um sensório abstrato e são distinguíveis somente pela variação das frações de sensibilidade [...]. Se o efeito do meio é sempre o mesmo, não importando quem o controle ou use, nem o conteúdo que se tente inserir, então podemos esquecer todo o debate político e cultural e deixar a tecnologia operar por si mesma (WILLIAM, 2016, p. 137).

Depois de rejeitar o *determinismo tecnológico* presente em abordagens como a de McLuhan, Williams alerta que tampouco se deve encarar as mídias como *tecnologias determinadas*, uma vez que os diversos fatores reais envolvidos – como “a distribuição de poder ou de capital, a herança social e física, as relações de escala e de tamanho

entre grupos – colocam limites e exercem pressões, mas não controlam nem preveem completamente o resultado de uma atividade complexa nesses limites” (WILLIAMS, 2016, p. 139);

## *Tecnologia alternativa, usos alternativos?*

- 6) o desenvolvimento e o uso das tecnologias como parte de um processo mais geral, de embate entre instituições e políticas de “serviços públicos” e “comerciais”, do qual nenhuma velha técnica escapou e do qual nenhuma nova técnica ou tecnologia alternativa poderá escapar.

O trabalho de tradução de Márcio Serelle e Mário Viggiano vem em momento oportuno. No posfácio que assinam com Ercio Sena, esse movimento é colocado de modo objetivo, como a “recuperação de um projeto crítico como contribuição para pensar as relações contemporâneas entre nossa sociedade e sua mídia dominante” (2016, p. 174).

Em tal contexto, “a televisão é também *ainda*, em grande parte, aquela que conhecemos no século XX” (p. 176, grifo nosso) – a mesma televisão ou o modelo de radiodifusão estudado por Williams. A afirmação considera a pesquisa divulgada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, intitulada “Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira” (SECOM, 2014), da qual se extraem os seguintes dados: 97% dos domicílios possuem pelo menos um aparelho de televisão; apesar do crescimento exponencial da internet na última década, 96% dos entrevistados afirmam ver TV, sendo que 73% o fazem diariamente; e, em média, o brasileiro passa mais de quatro horas por dia em frente à televisão, em seu fluxo planejado:

dizemos *ainda* que ‘assistimos à TV’, não a um programa específico, e nos referimos com elogio ou repúdio a uma rede de TV como um todo – e não somente a um programa jornalístico específico –, como se reconhecessemos que determinada tonalidade a atravessa, conformando uma dicção mais ou menos homogênea, que acaba por se sobrepor a qualquer contraponto que alguns programas, dentro dessa própria rede, possam oferecer (SERELLE; VIGGIANO; SENA; 2016, p. 176, grifo nosso).

Se a ideia em torno do fluxo planejado de conteúdos comunica um sentido distinto de “todo” ou “conjunto” para a televisão que Williams analisou e esta, como mostram os dados, permanece na sociedade brasileira – e em outras também –, a ênfase sobre a palavra *ainda*, repetida algumas vezes na descrição desse objeto



em tempos atuais, não parece recair sobre o fim de um estado de coisas, mas sobre a efetiva presença e relevância desse modelo de mídia na sociedade, cuja análise crítica será de fundamental importância para se compreender o quadro cada vez mais complexo que se forma diante dos nossos olhos.

Nesse sentido, o momento histórico vivido e analiticamente observado por Williams é, de certo modo, semelhante ao momento que vivemos hoje, em que variadas tecnologias despontam e o centro das discussões se coloca sobre o conjunto de possibilidades comunicacionais que as mídias podem representar. Em todos os casos, a questão continua essencialmente a mesma: é possível usar as tecnologias para fins diferentes da ordem estabelecida? Williams acreditava que sim, por isso escreveu *Televisão*: “se a ação é necessária agora, as primeiras condições para ela são informação, análise, educação e discussão, às quais ofereço este livro como uma pequena contribuição e, espero, um incentivo” (2016, p. 163). Os votos se estendem para toda nova tecnologia e suas formas culturais.

## Referências

O'CONNOR, A. (Org.). *Raymond Williams on television: selected writing*. Londres: Routledge, 1989.

SECOM. *Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Disponível em: [www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atauais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf](http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atauais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf). Acesso em: 29 nov. 2016.

WILLIAMS, R. *Televisão: tecnologia e forma cultural*. Trad. Márcio Serelle; Mário F. I. Viggiano. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte, PUCMinas, 2016.